



MULHER E NATUREZA: SOB O JUGO DA USURPAÇÃO

*Ilda Teresa de Castro*¹

(IFILNOVA, AeLab, Universidade Nova de Lisboa)

1. Introdução

No início do séc. XX, Walter Benjamin (1892-1940) assinalava uma ligação entre a avidez técnica e económica, e a crise global do mundo natural². Jünger (1895-1998), Horkheimer (1895-1973), Heidegger (1889-1976), Marcuse (1898-1979) ou Adorno (1903-1969), assumiam posicionamentos convergentes. Anos mais tarde, Gregory Bateson (1904-1980), classificava de *epistemologias erradas* os modelos de pensamento que regem a contemporaneidade, apontando a desconexão que inscrevem na relação com o vivo e a impossível sustentabilidade que impõem no planeta. Pela mesma época, as abordagens científicas e filosóficas de Prigogine (1917-2003) e Stengers (n.1949), de Varela (1946-2001) e Maturana (n.1928), ou Margulis (n.1938) e Lovelock (n.1919), correlatavam perspectivas semelhantes sobre a ingerência humana no mundo *mais do que humano*. Estas propostas foram mantidas nas margens do *Capitalismo Mundial Integrado*³ e a resposta ecológica que este vem a exigir, remete para uma tomada de posição simultaneamente política, social e cultural, à escala planetária.

¹ castro.ilda@gmail.com

² Walter Benjamin, “A Caminho do Planetário”, in *Rua de Mão Única. Obras escolhidas*. São Paulo: Brasiliense, 1994, pp.68-69.

³ Remetemos para a definição de Félix Guattari em *Les trois écologies*, Paris: Editions Galilée, 1989.

As principais linhas ecosófica das *Três Ecologias* de Guattari (1930-1992) — *a ecologia social, mental e ambiental* — reorientam os objectivos da produção de bens materiais e imateriais, e destacam a produção de subjectividade, especificamente no conhecimento, cultura, sensibilidade e sociabilidade. Propõem uma revolução que englobe quer as relações de força visíveis em grande escala, quer os domínios moleculares da sensibilidade, da inteligência e do desejo, tomando em linha de conta a transversalidade dos factores envolvidos. A estas, acrescem as oposições dualistas presentes entre o Primeiro e Terceiro Mundo e nas relações *homem-mulher*.

Nesta breve abordagem, percorremos alguns tópicos da actual reflexão sobre a Natureza e retomamos esse último ponto de análise.

2. Na iminência do Antropoceno

As primeiras décadas de séc. XXI tornaram evidentes dois cenários. Por um lado, a manipulação dos interesses ambientais sustentada em planos estratégicos dissimulados, como testemunho de uma oligarquia globalizante que tem viabilizado a continuidade das condições do sistema capitalista e dos fluxos de lucro instituídos. Tendo sido já designada de canalização das ideias ecológicas para o domínio comercial e político, ou de confusão entre ciência e política na rendibilização económica da questão climática, de profissionalização do movimento ambiental ou de risco de mercantilização da Natureza em que se pode tornar a *economia verde*, esta manobra de conveniências explora a imagem e *marca eco* com artifício e embuste.

Por outro lado, a iminente classificação do Antropoceno⁴ e o paulatino reconhecimento da crise ambiental, vieram coagir um refrear de práticas e discursos e solicitar a associação da ética e da arte aos posicionamentos políticos e científicos em curso. Neste panorama, os domínios da ética animal e da ética ambiental contaminaram diversas sub-áreas, dos estudos animais aos estudos de plantas, da ecologia à antrozoologia e, gradualmente, associaram os da literatura — que fundara o ecocriticismo — e os da ecoarte e da bioarte, do ecocinema e do ecomedia.

De certo modo, o ecocriticismo que a partir da literatura contaminou as outras práticas, providenciou ancoragem para a reflexão artística sobre

⁴ Aguarda-se a avaliação final do Anthropocene Working Group na confirmação ou negação da “Idade dos Humanos” como novo período geológico deflagrado pela acção da espécie humana sobre o planeta, ver [<https://quaternary.stratigraphy.org/workinggroups/anthropocene>].

a Natureza dentro da academia e para a emergência dos estudos filmicos ecocriticos. No domínio audiovisual, o ecofilme emerge em obras ficcionais, na reportagem e no documentário ou mesmo em registos diarísticos e do quotidiano, disseminados em canais como o *vimeo* e o *youtube*. Como resultado, o envolvimento dos media tecnológicos no processo de informação, denúncia e sensibilização, mantém em circulação a problemática ecológica quer nos meios de difusão tradicionais das salas de cinema e televisão, quer nos mais recentes *gadgets* e sistemas de acesso a conteúdos da internet, com impacto significativo nas redes sociais.

Porém, títulos como *Natureza e trans-humanismo*, *pós-humanismo e máquina*, *pós-humanismo e mundo natural*, *capitalismo verde e ecomodernismo*, denunciam derivações de um território cujas fronteiras se encontram em definição, como em definição se encontra o *ethos* do mundo natural sob o olhar humano. Latour (n.1947), sugere que se esqueça a palavra Natureza⁵ e questiona a eficácia da distinção entre o que é natural e o que não é natural, num mundo em que as leis da Natureza se transformaram, sobretudo, em leis da economia. E De Waal (n.1948), desenha duas perspectivas acerca do panorama filosófico actual no que respeita à moralidade humana numa explicação não teológica. Uma perspectiva unitária que denomina de *Evolução Ética (Evolution Ethics)* e, numa linhagem darwiniana, postula a continuidade entre a moralidade humana e as tendências sociais animais, como sendo a evolução gradual de uma transição do animal social para o animal moral. E uma perspectiva dualista que designa de *Teoria Veneer (Veneer Theory)*, cuja origem posiciona em Huxley (1894-1963) e enquadra teóricos como Dawkins (n.1941), Williams (1926-2010) ou Wright (n.1957), os quais opõem a cultura à Natureza e os humanos aos outros animais. Estes entendem a moralidade como uma opção humana, estabelecida numa transição do animal amoral para o humano moral.

3. Uma filosofia verdadeiramente masculina

A oposição da cultura ao mundo natural que remonta ao dualismo cartesiano, ecoa na retórica de legitimação do controle da Natureza usada por Francis Bacon (1561-1626), a que o filme *Mindwalk*, de Bernt Capra (1990)⁶ remete. Situa numa sala de tortura da abadia do Mont-Saint

⁵ Bruno Latour, "Fifty Shades of Green", *Environmental Humanities*, 7 (2015), 219-225.

⁶ Baseado em *The Turning Point: Science, Society, and the Rising Culture*, de Fritjof Capra, Simon & Schuster, 1982.

Michel, uma cientista especializada na teoria do campo quântico que rememora os julgamentos de bruxas no reinado de Jaime I: “Quando mulheres eram torturadas por usarem medicina popular, adorar deusas pré-cristãs ou somente por serem estranhas! Não penso que Bacon tenha usado metáforas quando escreveu que a Natureza devia ser caçada, metida a trabalhar, escravizada.” E prossegue: “Ele até disse que os cientistas com os seus aparelhos mecânicos a deviam torturar para obter os seus segredos. Reparou no modo como ele se refere à Mãe Natureza como mulher? Como se ela não passasse de uma bruxa? Sim, é correcto dizer que esta sala representa uma crise da percepção.” Em resposta, um ex-candidato à presidência dos EUA e agora candidato ao Senado, contrapõe o facto da sala ser anterior a Descartes e a Bacon, remetendo a violência e exploração para domínios independentes da percepção humana. “Mas a ciência moderna, a tecnologia, os negócios, não fizeram o que Bacon sugeriu? Torturar o nosso planeta? Não é a velha ideia patriarcal do homem a dominar tudo?”, interroga a cientista. E o político evoca, então, a possibilidade de serem as recentes mudanças climáticas meros fenómenos cíclicos dissociados da histeria que provocam e formula a hipótese de a Natureza ter capacidade para suportar tudo isto e muito mais. Obtém como resposta, ter sido essa exactamente a hipótese colocada em relação à Floresta Negra alemã, entretanto, mais de metade a morrer e a impossibilidade de se correr esse risco em relação à Natureza global. O filme contrapõe ao paradigma mecanicista as abordagens científicas da teoria dos sistemas e a uma perspectiva ecológica superficial, preocupações da ecologia profunda sobre a ameaça humana no mundo natural. A visão parcelar e fragmentada do mundo é contraposta à interdependência holística do natural e do vivo: “Ver o mundo como máquina pode ter sido útil durante 300 anos mas essa percepção, hoje, além de errada, é verdadeiramente nociva. Precisamos de uma nova visão do mundo”, conclui a cientista.

Esta apologia da responsabilidade seiscentista na crise ecológica, na devastação da Natureza e na desvalorização da participação feminina ao longo da História, nomeadamente na produção de conhecimento científico, é sustentada em diversos estudos. Migdley (*n.1919*), recorda a união da ciência com a religião católica na rejeição da Natureza como superstição e a apologia da Biologia, Física e Química no mesmo paradigma sobre a matéria. Na mesma perspectiva, os partidários de Bacon na subjugação da Natureza como fêmea, proclamariam no primeiro manifesto da Royal Society a fundação de “uma filosofia verdadeiramente masculina”, expressão da dominação humana da Terra que persistiu na ciência ocidental. Merchant (*n.1936*), que posiciona na modernidade a valoração do

dualismo feminino-masculino e a identificação pejorativa da mulher com a Natureza, refuta ter Bacon utilizado termos como “torturar a Natureza”, mas adianta terem os seus seguidores interpretado a sua retórica nessa perspectiva. Refere, “Tal como o ventre da mulher tinha simbolicamente cedido aos fórceps, assim os segredos no ventre da Natureza poderiam ser arrancados, através da tecnologia, para serem usados na melhoria da condição humana”⁷. E mais à frente, “Para Bacon como para Harvey, a política sexual ajudou a estruturar a natureza do método empírico” enquanto poder sobre a Natureza⁸.

4. Feminismo e ecologia

Se a reflexão sobre a condição feminina remonta a Mary Wollstonecraft (1759-1797), com a sua obra *A Vindication of the Rights of Woman* (1792), é sobretudo a partir dos anos setenta que inúmeros estudos⁹ questionam a autonomia e discriminação das mulheres ao longo dos tempos. Pesquisas recentes, sustentam o obscurecimento intencional do desempenho e autoria das mulheres na invenção e evolução de todo o tipo de materiais, na formação e desenvolvimento da linguagem humana – por via da comunicação estabelecida entre a mãe e o filho – na vida social, e no poder que detiveram na Pré-História¹⁰.

Os diferentes feminismos que emergem ao longo dos tempos são organizados por Richards (n.1944) em dois grandes grupos, o feminismo liberal, igualitário, tradicional ou de primeira vaga e o feminismo radical, cultural ou de segunda vaga¹¹. O paralelismo entre o domínio da natureza feminina e o da Natureza, é evidenciado nas correntes ecofeministas que se enquadram neste segundo grupo. O termo, surgido no ensaio *Le Féminisme ou la mort* (1974) de Eaubonne (1920-2005) e, posteriormente,

⁷ Carolyn Merchant, “The Scientific Revolution and The Death of Nature”, *ISIS*, 97 (3), (2006), 162.

⁸ Merchant sublinha o papel decisivo de William Harvey (1578-1657) e outros médicos do sexo masculino no amofinar do desempenho tradicional das mulheres na obstetrícia e, deste modo, minando o controle das mulheres sobre os seus próprios corpos, *ibid.*, 162.

⁹ Como os trabalhos de Ynestra King, Mary Daly e Susan Griffin ou Michelle Rosaldo, Louise Lamphere e Rayna Reiter’s.

¹⁰ Adovasio J.M., Soffer Olga, Page Jake, *O Sexo Invisível*, Lisboa: Europa-América, 2008, p.101.

¹¹ Janet Radcliffe Richards, *The Sceptical Feminist*, London: Penguin, 1994, Appendix 2, p.385 e segs.

no seu livro *Eco-Féminisme* (1978), congrega diferentes posicionamentos feministas ecológicos na convergência dessa similitude¹².

Em traços largos, as tendências ecofeministas confluem na relevância do dualismo, dos ideais cartesianos e das diferenças psicológicas entre os dois sexos. A perspectiva dualista, distingue o feminino – o corpo, a Natureza e a matéria, o não-humano e o animal, a produção natural, a reprodução, o privado, a imanência e a emoção – do masculino – a mente, o intelecto, o espírito, a racionalidade, o humano, a produção técnica, cultural e histórica, o público, a transcendência e a razão – valorizando este último. O cartesianismo e racionalismo da modernidade, com a separação alma/corpo e razão/emoção – e atribuição de superioridade à razão – sonogam valor à Natureza e às características associadas ao feminino e à mulher. E as dicotomias na diferença entre os géneros sexuais, são menos consideradas devido ao conflito entre as condições biológicas dos sujeitos e as características psico-sociológicas que lhes podem ser associadas. Porém, o essencial das várias perspectivas ecofeministas, converge na conclusão de Zimmerman (n.1946): apenas com a substituição de certas categorias que são aplicadas à dominação do feminino e da Natureza – o atomismo, o dualismo, o hierarquismo e o androcentrismo – a cultura ocidental pode reformular e construir uma vivência harmoniosa entre o humano e o não-humano.

A diferença substancial entre o *ecofeminismo* e a *ecologia profunda* reside precisamente no facto de o ecofeminismo não reconhecer o *antropocentrismo* na génese da crise actual. Sendo em ambos os casos, a desconstrução do antropocentrismo objecto de re-estruturação fundamental, o ecofeminismo foca especificamente o *androcentrismo*. Os conceitos associados ao androcentrismo estão intimamente ligados à aplicação ao género feminino de normas e critérios verificáveis apenas no género masculino, com a conseqüente *redução do feminino* – isto é, o não reconhecimento da sabedoria e experiência feminina tendo em consideração apenas os interesses e qualidades do género masculino. Como mero exemplo prático, a generalização de “homem” ou “Homem” para designar a espécie humana é *androcêntrica*. Tendo cunhado o termo¹³, Ward teorizou acerca da supe-

¹² Maria Luísa Ribeiro Ferreira, em “Ecofeminismo – Cantata a Quatro Vozes”, destaca nos feminismos ecológicos, os percursos de Mary Daly, Val Plumwood, Christine Cuomo e Vandana Shiva, in Cristina Beckert, Maria José Varandas (coord.), *Éticas e Políticas Ambientais*, Lisboa: Centro de Filosofia da Universidade de Lisboa, 2004, pp. 227-247.

¹³ O termo, *androcentrismo*, da autoria do sociólogo, botânico e paleontologista Lester Frank Ward (1841-1913), primeiro presidente da American Sociological Association, surge pela primeira vez em *Pure Sociology. A Treatise on the Origin and Spontaneous*

rioridade natural da mulher em relação ao homem e das diferenças substanciais entre os dois géneros – estas conduzem à necessidade de aceitação pelo sujeito masculino quer dos aspectos femininos, quer da feminilidade inerente a todo o género masculino.

5. Da ética do cuidado no ecofeminismo e no filme

As perspectivas ecofeministas consideram a apropriação da fecundidade feminina e da fertilidade dos solos – ambas originariamente domínios das mulheres¹⁴ – as revoluções fundadoras do patriarcado no início do Neolítico e na origem dos mais evidentes factores de desequilíbrio ecológico: o excesso demográfico e o esgotamento dos recursos naturais. Essa dupla apropriação, perpetuada pelo patriarcado através de diversas estratégias sociais e económicas, terá tido repercussão nas estruturas mentais e culturais até à actualidade. Eaubonne, coloca-as na génese do entendimento de “normal” disseminado nas sociedades contemporâneas no que respeita às práticas industriais de produção intensiva de comida animal para consumo humano. Estas práticas comuns na actualidade e degradantes para os animais e para a Natureza, formalizam as indústrias agro-pecuárias como representação de expressões totalitaristas, opressoras e machistas.

A preocupação com os outros animais inscreve-se numa ética do cuidado, do cuidado dos outros e do cuidado do mundo, que é uma presença constante no feminismo ecológico. “As teorias feministas do cuidado não se circunscrevem às relações particulares. O interesse e o amor pelos outros alargam-se aos não humanos e estendem-se a toda a Natureza”¹⁵.

Development of Society, Ward, 1903.

¹⁴ Na sua condição original, as mulheres seriam detentoras de poder sobre o próprio corpo e sobre as riquezas agrícolas a seu cargo – que teriam sido as primeiras riquezas da antiguidade. Numa época em que aos homens estava destinada a prática e o domínio da caça, ao assumirem a sua participação na paternidade, acabariam por impor e decretar como propriedade sua, a *fertilidade humana*. Com a descoberta da irrigação e da charrua, o masculino sedentariza a prática agrícola antes desenvolvida pelas mulheres e determina a ideia de *propriedade sobre os solos*. Assim, apropriam-se do corpo e fecundidade das mulheres pela paternidade e tomam também como propriedade sua o que era anteriormente domínio das mulheres: os campos, a Natureza e a sua exploração.

¹⁵ Maria Luísa Ribeiro Ferreira, “Descartes, Espinosa e os Ecofeminismos”, in *Ética Ambiental. Uma ética para o futuro*, Cristina Beckert (coord.), Lisboa: Centro de Filosofia da Universidade de Lisboa, 2003, pp. 145.

Nas últimas décadas, o cinema tem vindo a documentar com acuidade, algumas dessas práticas. Os ecodocumentários, e.g. *Earthlings*, de Shaun Monson (2005), *Meat the Truth*, de Gertjan Zwanikken e Marianne Thieme (2008) ou *Cowspiracy*, de Kip Andersen e Keegan Kuhn (2014), perspectivam uma relação entre a criação cinematográfica e uma ética do cuidado de inscrição ecológica. A apresentadora e co-autora do documentário *Meat the Truth*, é líder do Partido pelos Animais holandês. *Earthlings*, revela atrocidades praticadas nas diversas áreas de exploração animal, mediante recurso a câmaras escondidas. *The Cove*, de Louie Psihoyos (2009), documenta a proibida matança de golfinhos na enseada de Taiji. *Food Inc.*, de Robert Kenner (2008), questiona “How much do we really know about the food we buy at our local supermarkets and serve to our families?”. *The Ghosts in Your Machine*, de Liz Marshall (2013), segue uma fotógrafa activista dos direitos dos animais. As gravações do documentário *UK Slaughterhouses*, da “Animal Aid”, serviram de prova em campanha denunciatória na Grã-Bretanha, com resultados positivos que inviabilizam a possibilidade de maus-tratos sobre animais persistirem impunes e desconhecidos nos matadouros ingleses — com a instalação de câmaras de vídeo vigilância.

As convenções sexistas institucionalizadas que atribuem ao género masculino o domínio e controle e, ao feminino, o ser controlado, passivo e objecto erótico, por seu turno, têm sido perpetradas pelo cinema desde o seu advento. Em *Visual Pleasure and Narrative Cinema* (1986), Mulvey (n.1941) analisa as implicações do cinema na promoção de processos de identificação com personagens e ideais patriarcais de que a produção típica de Hollywood é exemplo. Com este enfoque, introduz a noção de cinema como instrumento de propagação de valores ideológicos opressivos. Aparte a polémica que suscitou, a tipificação dos géneros, feminino e masculino, nas personagens da trama filmica, sendo para alguns controversa é, no entanto, facilmente reconhecível. Poucos são os exemplos que fogem a esta regra hegemónica e uniformizadora que nos filmes de ficção sobre-excede o cinema de Hollywood e está presente em diferentes cinematografias nacionais e em produções menos industriais. É, obviamente, o caso das produções de Bollywood mas também e, maioritariamente, o de produções menos convencionais, asiáticas e europeias.

Mad Max: Fury Road, de George Miller (2015), ecoa algumas ideias ecofeministas. Retrata o “corpo de mulher” tomado como propriedade parideira que (re)toma a autonomia de si e busca a Natureza. Apresenta um mundo em avançado estado Antropocénico onde a mulher é definida como coisa e tratada em conformidade. O leite de mãe, o único leite animal que existe, é produzido mecanicamente com recurso a processos similares aos processos industriais de produção intensiva de leite de vaca para consumo

humano: as fêmeas humanas são ligadas a máquinas e ordenhadas. A analogia entre a coisificação da mulher e a coisificação do animal não-humano, interroga a aceitação dessas práticas quotidianas que é norma nas nossas sociedades.

O filme evoca ainda a dominação, escravidão e exploração sexual exercida sobre o género feminino – e que subsiste nos nossos dias com elevadas estimativas de violação ou violentação. O simbolismo dos cintos de castidade de que as esposas reféns se livram, cortando-os e retirando-os do corpo, enforma a intemporalidade de práticas arcaicas de domínio sobre a sexualidade feminina. Estas valiosas insubstituíveis jovens mulheres, escravas sexuais e parideiras que fogem do líder, são perseguidas pelo exército que este comanda. Sinal da consciência política que lhes assiste, a fuga é assinalada pela mensagem escrita na parede em letras garrafais: “Women are not things”.

Inicialmente, o registo ecológico parece ausente nesta comunidade distópica, onde aqueles que nascem são propriedade do progenitor e líder que em si congrega todo o poder num reino de miséria. E a exaltação do combate, numa narrativa em que os prisioneiros servem literalmente de bancos de sangue para os soldados feridos, poderia conduzir mais um filme-de-acção estruturado apenas em estereótipos de masculinidade. Contudo, a única reserva de água, um aquífero onde se ergue a Cidadela, é usada pelo líder para explorar a população, sendo o povo admoestado a não se habituar ao líquido vital para não lhe sentir a falta.

A este dado político de sustentabilidade, acresce a demanda pela liberdade das mulheres dissidentes mas também a procura do Vale Verde, terra natal da guerreira Imperator Furiosa que lidera a fuga através dos terrenos inóspitos para além da Cidadela. Apesar de ter apenas um braço e usar uma prótese mecânica no outro, é ela que comanda a expedição e chega a travar uma luta corpo-a-corpo com Max, o herói da saga, a quem dá ordens e orienta, a quem salva a vida, tal como ele salva a dela. Neste cenário, onde tudo é árido e desértico, a busca por um mundo natural e vivo parte da Mulher, na figura de um grupo de mulheres jovens que se vão juntar a um grupo de mulheres idosas mas igualmente fortes – guerreiras e motociclistas, e esta é uma perspectiva sobre a Mulher também muito pouco usual na História do Cinema.

O dever ecológico desta busca pelo que resta do mundo natural, torna-se incontornável quando uma das idosas partilha com uma das jovens a sua antiga bolsa de mão, onde guarda variadas sementes “originais” de plantas e de árvores... “muitas sementes diferentes”, refere. E, prestes a morrer, agarra a bolsa contra o peito, em sinal do tesouro que retém.

Neste filme oscarizado, Miller troca as voltas aos convencionais papéis femininos dos filmes de acção *mainstream* – e não só – mantendo a pulsão masculina dentro e fora da tela. Isto é, o público masculino não é excluído das intenções do filme. No entanto, não sendo um objecto específico para o género feminino, inova ao explorar possibilidades de representação das mulheres, até agora nos ecrãs usualmente exclusivas dos homens, proporcionando protagonismo, consideração e desempenho, idênticos em autonomia e liderança. É assim que esta inversão dos padrões clichés dos filmes de Hollywood está na origem de considerações que o apostam de *filme de acção feminista*. No cumprimento desta jornada, Miller rodeou-se de uma equipa de mulheres – entre as quais, Eve Ensler, criadora da dramaturgia *The Vagina Monologues* (1996) a quem pediu consultoria, e a esposa, Margaret Sixel, a quem atribuiu a montagem final do filme. O resultado, se bem que distante das especificações concretas de Eaubonne e do ecofeminismo, partilha as suas questões principais: o domínio masculino exercido simultaneamente sobre o género feminino e sobre o mundo natural; e uma ligação privilegiada entre a Mulher e a Natureza.

6. O cultural e o religioso

As conexões entre a Mulher e a Natureza remontam aos mitos cosmogónicos desde o Neolítico nas pesquisas de Eliade (1907-1986), quando as periódicas variações lunares associavam, numa mesma intuição e simbologia, a ligação bio-cósmica entre a fecundidade feminina, humana e não-humana, a lua, as chuvas e a vegetação. Na época glaciária, a espiral é um símbolo lunar que traça a analogia entre as fases da lua, as águas, a vegetação e a fertilidade das plantas e dos animais, incluindo a da mulher, que posteriormente acabará por ser também representada pela Terra-Mãe e pelas divindades agrárias. No dizer de Eliade, as sociedades agrícolas, estabeleciam um vínculo entre a fecundidade da terra e a da mulher – fertilizável – e entre o céu e o homem – fertilizador – repondo assim, no casamento humano, a antiga e primeira hierogamia: o casamento sagrado do Céu e da Terra. À fertilidade da Terra se conferia o primeiro valor de “vivo” e o binómio *Homo-Humus* espelharia o ciclo incessante entre o “vivo” e a Terra – ligando-a ao nascimento humano, da qual é a Mãe-Terra e à morte humana, num retorno à matéria, *mater*. Ligações que incorporam uma realidade distante. Contudo, a analogia entre a organicidade feminina e os fenómenos da Natureza – *i.e.*, a maternidade e a articulação natural dos ciclos de fertilidade feminina com os dos campos, da lua, das marés – é formalmente intuitiva e evidente.

Do ponto de vista cultural e religioso, estudos das origens históricas do patriarcado publicados por diversas autoras¹⁶, comprovam a participação das tradições filosóficas e teológicas da Europa e do Mediterrâneo na justificação da dominação da Mulher e da Natureza. As culturas centradas na deusa-mãe Terra e na Natureza, foram substituídas pelo sistema patriarcal e militarista, valorizando o masculino, e trocados os símbolos religiosos e as normas sociais. Essa substituição minorou e desvalorizou quer o feminino quer a Natureza. Por outro lado, certos cultos e práticas culturais fundadas na Deusa-Mãe envolvem um entendimento espiritualista mais empático entre a mulher e a Natureza. Algumas autoras ecofeministas e teólogas cristãs¹⁷ apontam a relevância do culto da Deusa-Mãe nas sociedades antigas sobretudo pela sua importância na formação de uma imagem bíblica menos imponentemente patriarcal. Com base nas conexões entre religião, cultura e perspectivas científicas, sublinham quanto o modelo mecanicista da ciência ocidental conduziu a ruptura entre o mundo material e o sagrado, com grande prejuízo para a mulher e o mundo natural.

A propósito dos rituais praticados na Austrália aborígene, Abram (n.1957) avança alguns dados que encontram aqui contexto. Refere o alto grau de diferenciação entre os rituais femininos e masculinos, e entre o conhecimento de que são detentores os homens e as mulheres. Uma maior protecção do conhecimento sagrado das mulheres e o facto de os primeiros etnólogos serem maioritariamente do sexo masculino, daí resultando uma maior dificuldade de acesso a esse conhecimento, terá conduzido o muito tardio reconhecimento – por parte dos não aborígenes – sobre o poder e a importância dos ritos femininos no interior das culturas nativas. Essa maior protecção do conhecimento feminino integrava uma maior resistência à mudança dos próprios cantos ritualísticos das mulheres do que dos homens. Outra diferença que salienta, é o facto de as cerimónias secretas dos homens se centrarem quase exclusivamente na renovação da vitalidade dos sítios e das espécies que festejavam, e as cerimónias fechadas das mulheres envolverem também a canalização do poder mágico desses locais, tirando partido do poder existente na terra para vários fins práticos. Tradições que, acrescenta, se estão a perder rapidamente sob a influência da civilização alfabética.

¹⁶ É o caso das reconstruções históricas de Gerda Lerner, Marija Gimbutas e Carol Christ.

¹⁷ E.g. Rosemary Radford Ruether, Anne Primavesi, Sallie McFague.

7. Considerações finais

Migdley recorda que a mudança para o paradigma mecanicista que regue a modernidade e remonta à revolução científica do século XVII, não resultou da exaltação da ciência mas da vitória dessa facção científica sobre uma outra – à época igualmente respeitável – a da pequena escola da Academia de Ficino (1433-1499). Esta outra tradição “preferia a imagem da simpatia e da antipatia entre as várias substâncias e muitas vezes usou a linguagem do amor, uma rede universal de títulos gerados pela Mãe Natureza”¹⁸. Acrescenta que os cientistas, entre os quais Kepler (1571-1630), usavam este método na comparação e compreensão de diferentes tipos de atracção e certamente o teriam aplicado ao fenómeno da electricidade mas os mecanicistas, incluindo Galileu (1564-1642) e mais tarde, Newton (1643-1727), rejeitaram a possibilidade de um objecto atrair outro directamente. Assim se manteve até aos nossos dias uma ideologia centrada na ideia da matéria enquanto forma inerte e morta, reforçada pelo paradigma de Descartes (1596-1650); e, sobretudo, a recusa da ideia de uma Natureza participativa, interveniente, nutriente — tendo sido resolvido todo o mistério da Natureza na visão dos animais não-humanos como meros autómatos inconscientes.

A ideia de uma estrutura de ligação entre todas as coisas, encontra eco na perspectiva de uma unidade fundamental e unificadora de Bateson quando interroga: “O que liga o caranguejo à lagosta, a orquídea ao narciso e todos os quatro a mim? E eu a vocês? E a nós os seis à ameba, por um lado, e ao mais escondido esquizofrénico, por outro? (...) Qual é o padrão que liga todas as coisas vivas? (...)”¹⁹, e defende o universo como um imenso organismo em constante acção e interacção no qual o mais importante é a Vida e o que nele vive. A sua epistemologia que parte dos seres vivos e da procura de compreensão da *estrutura que liga todas as coisas*, descreve essa ligação onde reside toda a qualidade como uma dança entre partes de actuação recíproca, numa estrutura que coincide com a unidade fundamental, unificadora.

Encontramos um sistema de ligações similar no entrosamento cosmobiológico da Lógica das Similitudes que até finais do século XVII desempenhou um papel construtivo no saber ocidental, articulando a sabedoria da semelhança entre as suas principais figuras: *convenientia*, *aemulatio*,

¹⁸ Mary Migdley, *Earthy Realism, The Meaning of Gaia*, 2007, p.5. A autora remete as fontes do seu artigo, para a obra *Commentaire sur le Banquet de Platon*, Marsilio Ficino, 1956, 220, R. Marcel, Paris.

¹⁹ Gregory Bateson, *Mind and Nature – A Necessary Unity*, New York: Bantam Books, 1980, p. 512.

analogia e simpatia. Foucault (1926-1984), identifica duas grandes descontinuidades no campo epistemológico da cultura ocidental: uma, em meados do século XVII com o começo da idade clássica e outra, no início do século XIX com o advento da modernidade, a que acresce a mudança do sistema das positivities na viragem do século XVIII para o XIX. Descontinuidades que alteraram “o modo de ser das coisas e da ordem que, repartindo-as, as oferece ao saber”²⁰ e introduziram o humano no campo do saber ocidental. Tranquilizante, sustenta, é a expectativa de que esse humano recentemente inventado desapareça, com o surgimento de uma forma nova de saber.

As repercussões da cisão imposta pelo pensamento mecanicista à anterior visão do mundo como *cosmos organizado*, espaço de ligação entre os seres, a sociedade e o cosmos, com todas as partes interdependentes e em positividade recíproca, não são mensuráveis. Mas, se por um lado, a perda da metáfora da interdependência entre *as coisas do mundo* num “organismo” comum, se objectiva na devastação antropocénica, por outro, não podemos deixar de interrogar se encontrará eco na recente organização World Wide Web + Internet, com as suas redes globais de ligação entre espaços, sujeitos e conteúdos. Se aí se projecta e transfere uma interdependência outra, de *coisas deste mundo*, um modelo substitutivo do anterior, entretanto perdido. A ser assim, seria a substituição de um “organismo” sensível, orgânico e macrocósmico, por um “organismo” máquina, técnica e informação, opsigono do Mecanicismo e da Revolução Industrial.

A Natureza, refém destes tempos, remetida a uma ideia de utilidade a explorar ou de paisagem a disfrutar a preceito; de cenários naturalistas, a utópicos ou distópicos; com fins didácticos, artísticos ou comerciais; continua sujeita a processos de apropriação que escondem ou negligenciam a sua natureza. Resta-lhe a entrega a uma auto-regulação sistémica fragilizada pela intervenção humana e em relação à qual não existem certezas, apenas fundamentados receios. A analogia entre a objectificação da Mulher e a da Natureza, sinaliza a actualidade da propagandeada *mulher-objecto*, imagem coisificada, descartável, esquecida a sua natureza. Presas de um modelo de pensamento aguerrido que usa todo o tipo de estratégias sobre o sensível, mulheres, animais, vegetais e elementos naturais, parecem perfilha de uma mesma ideologia, ideia e imaginário: a da subjugação do mundo a um paradigma masculinizado que ancorou o desenlace do Antropoceno, o que, para alguns, reforça a premência de uma reformulação epistemológica.

²⁰ Michel Foucault, *As Palavras e as Coisas — Uma Arqueologia das Ciências Humanas*, Lisboa: Edições 70, 2005, p. 73 e segs.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- Abram, David, *A Magia do Sensível*, Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2007.
- Adovasio J.M., Soffer, Olga, Page, Jake, *O Sexo Invisível*, Lisboa: Europa-América, 2008.
- Bateson, Gregory, *Mind and Nature – A Necessary Unity*, New York: Bantam Books, 1980.
- Beckert, Cristina (coord.), *Ética Ambiental. Uma ética para o futuro*, Lisboa: Centro de Filosofia da Universidade de Lisboa, 2003.
- , Cristina, Varandas, Maria José (coord.), *Éticas e Políticas Ambientais*, Lisboa: Centro de Filosofia da Universidade de Lisboa, 2004.
- Benjamin, Walter, *Rua de Mão Única. Obras escolhidas*. Vol.II. São Paulo: Brasiliense, 1994.
- Castro, Ilda Teresa, *Eu Animal – argumentos para um novo paradigma – Cinema e Ecologia*, Lisboa: Zéfiro, 2015.
- Capra, Bernt, *Mindwalk, USA*, 1990 (filme).
- Eliade, Mircea, *Traité d'Histoire des Religions*, Paris: Éditions Payot, 1949.
- Eaubonne, Françoise, “Ecologie et Féminisme: Révolution ou Mutation”, *Silence*, n. 220-221, 1998.
- Foucault, Michele, *As Palavras e as Coisas*, Lisboa: Edições 70, 2005.
- Guattari, Felix, *Les trois écologies*, Paris: Editions Galilée, 1989.
- Latour, Bruno, “Fifty Shades of Green”, *Environmental Humanities*, 7, Duke University Press, 2015, pp.219-225.
- Merchant, Carolyn, “The Scientific Revolution and The Death of Nature”, *ISIS* 97 (3), Chicago, University of Chicago Press Journals, 2006 pp.513-533.
- Migdley, Mary, *Earthy Realism, The Meaning of Gaia*, UK, Societas, 2007.
- Miller, George, *Mad Max: Fury Road*, USA, 2015 (filme).
- Mulvey, Laura, “Visual Pleasure and Narrative Cinema”, in Leo Braudy, Marshal Cohen (eds.), *Film Theory and Criticism: Introductory Readings*, New York, Oxford: UP, 1999, pp.833-44.
- Richards, Janet Radcliffe, *The Sceptical Feminist*, London: Penguin, 1994.
- Waal, Frans, *Primates and Philosophers: How Morality Evolved*. New Jersey: Princeton University Press, 2006.
- Zimmerman, Michael, “Feminism, Depp Ecology, and Environmental Ethics” *Environmental Ethics*, Virginia, Philosophy Documentation Center, 9 (1), 1987, pp.21-44.



RESUMO

Pensar a Natureza Hoje, no advento do Antropoceno, compagina cenários distintos, por vezes antagônicos, nas derivações de um território cujas fronteiras se encontram em definição. Entre a “economia verde” e a contaminação dos estudos e éticas animais-ambientais, tomamos as oposições *homem-mulher* e *humano-não humano* como enfoque. Abordamos as tendências ecofilosóficas que reconhecem o paralelismo entre o domínio da natureza feminina e o domínio da Natureza, e registam o dualismo masculino-feminino, as repercussões do androcentrismo e a cisão imposta pelo pensamento mecanicista na visão da interdependência do mundo natural. No cruzamento do ecofeminismo com alguma produção ecocinematática, revemos as convergências ecocríticas da relação humano-Natureza e homem-mulher, e a estreita relação entre os feminismos ecológicos e uma ética do cuidado de abrangência não humana. Sinalizamos a analogia entre os dois “organismos”, o antigo e o contemporâneo, e a premência de uma reformulação epistemológica, sinalizada pela objectificação da Mulher e da Natureza.

Palavras-chave: Ecofeminismo – Ecocinema – Ética do cuidado – Natureza – Mulher.

ABSTRACT

Thinking Nature Today, at the advent of the Anthropocene, combines different scenarios, sometimes antagonistic, in the derivations of a territory whose borders are still defining. Between the “green economy” and the contamination of animal-environmental studies and ethics, we take the man-woman and human-non-human oppositions as a focus. We address the ecophilosophical tendencies that recognize the parallelism between the domain of feminine nature and the domain of Nature, and register the masculine-feminine dualism, the repercussions of androcentrism and the split imposed by the mechanistic thought in the vision of the interdependence of the natural world. At the intersection of ecofeminism with some ecocinematic production, we review the ecocritical convergences of the human-nature and man-woman relationship, and the close relation between ecological feminisms and ethics of care of non-human comprehensiveness. We note the analogy between the two “organisms”, the old and the contemporary, and the urgency of an epistemological reformulation, signaled by the objectification of Woman and Nature.

Key-words: Ecofeminism – Ecocinema – Ethics of care – Nature – Woman.